



Evanilson Tavares de França

MOVIMENTO

Não torro meus versos no tacho
Nem os faço como se todos
Os dias fossem domingo
Apenas deixo-me queimar
E a alma grita do fundo da xícara

MOVENTE

de
EVANILSON TAVARES DE FRANÇA

Capa (criação)
Luara Potiguara Pereira Nazaré
Ana Beatriz Gasquez Porelli

Aracaju
2021

GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE
Belivaldo Chagas Silva

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DE SERGIPE
Eliane Aquino Custódio

SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, DO ESPORTE E DA CULTURA
Josué Modesto dos Passos Subrinho

SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE EDUCAÇÃO
José Ricardo de Santana

SUPERINTENDENTE ESPECIAL DE ESPORTE
Mariana Dantas Mendonça Gois

Coordenador do Programa Editorial da SEDUC
Sidiney Menezes Gerônimo

Assessor Administrativo do Programa Editorial da SEDUC: Jonas José de Matos Neto

Membros do Conselho Editorial:
Josué Modesto dos Passos Subrinho (Presidente), Sidiney Menezes Gerônimo (Coordenador), Simone Paixão Rodrigues, Rosemeire Marcedo Costa, Eliana Midori Sussuchi, Débora Evangelista Reis Oliveira, Roberto Jerônimo dos Santos Silva, Aglaé D'Ávila Fontes.

Movente - Evanilson Tavares de França

Capa: Luara Potiguara Pereira Nazaré e Ana Beatriz Gasquez Porelli

Diagramação: Isabela de Abreu Hsu

Projeto gráfico: Isabela de Abreu Hsu

Editora SEDUC – 2021

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

França, Evanilson Tavares de

F814m Movente / Evanilson Tavares de França. – Aracaju : Editora SEDUC, 2021.

96 f. : il. color (Coleção Palavra de Educador (a))

ISBN 978-65-5371-011-5

1. Poesia Sergipana. I. França, Evanilson Tavares de. II. Título.

CDU: 82-1(813.7)

Ficha elaborada pela bibliotecária Ma. Isis Carolina Garcia Bispo – CRB-2037



Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC
Rua Gutenberg Chagas, 169, DIA Inácio Barbosa, Aracaju - SE | CEP: 49040-780

O PROGRAMA EDITORIAL DA SEDUC

O Programa Editorial da Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura - SEDUC/SE apresenta à sociedade os livros produzidos por estudantes, professores(as), profissionais de gestão e pesquisadores(as) em geral, envolvidos(as) com as redes públicas estadual e municipais da educação sergipana. O lançamento dessas obras sinaliza para a concretização de metas estabelecidas no **Plano de Governo Pra Sergipe Avançar (2019-2022)**, cuja execução contou com a participação do Conselho Editorial da SEDUC, de representantes das comunidades escolares e das academias de letras locais. O resultado dessa construção coletiva está materializado nas **Coleções de livros** do Programa Editorial da SEDUC.

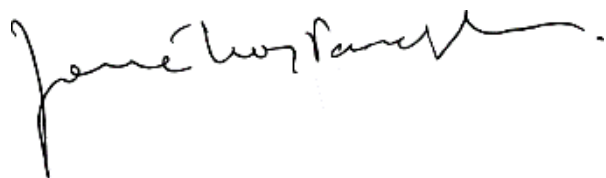
A **magia de escrever e desenhar** é a coleção que cultiva o jardim das primeiras letras, cuidando carinhosamente do processo de alfabetização. A coleção **Estudante escritor(a)** cuida de cada palavra como flor do processo de letramento, que evolui junto com nossos(as) estudantes dos ensinos fundamental e médio.

Já a coleção **Palavra de Educador(a)** transforma dissertações e teses em livros científicos, bem como publica as aventuras docentes pelo universo literário. A coleção **Saberes em gestão educacional**, por sua vez, abriga a produção dos(as) pro-

fissionais de gestão que atuam nas estruturas administrativas da SEDUC e das Secretarias Municipais de Educação - SEMEDs.

Histórias de Sergipe é o nome da coleção responsável pela preservação da memória sergipana, ao passo que a coleção **Paradidáticos sergipanos** gesta material de apoio didático para todos os componentes curriculares da educação básica. Por fim, a coleção **Autores(as) da inclusão** abraça as criações de estudantes com deficiência no âmbito da educação pública do nosso Estado.

Espera-se que, a cada ano letivo, um novo empreendimento editorial seja divulgado, a fim de que as comunidades escolares possam desenvolver uma cultura escolar do hábito da leitura e da produção da escrita.



Josué Modesto dos Passos Subrinho

Secretário de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

**Às minhas filhas,
Jaciara, Tainã, Luara
e Yaçanã, que me
possibilitam ver
poesia nos calos
dos pés e nas pedras
que os esculpem – e
há tantas esculturas.**

SUMÁRIO

PREFÁCIO | 10

PALAVRA DO AUTOR | 18

CAPÍTULO 1 **CHEIRO DE TERRA**

Além do tempo, a poesia | 22

Memórias de mãe | 24

Versos em brasa | 27

CAPÍTULO 2 **IDENTIDADE**

Espírito e corpo negros | 30

Toada negra | 32

Vinte e três minutos | 38

**O coração do bom senhor (uma reverência à casa
grande e aos seus herdeiros) | 40**

Fragmentos | 43

CAPÍTULO 3 **RESISTÊNCIA**

O suplício | 46

Quem secará a última lágrima? | 48

Saudades de andorinhas | 50

“Verás que um filho teu não foge à luta” | 52

Nós | 54

Meu povo anda assustado... | 57

Minha gente anda nostálgica... | 59

Poemação | 61

CAPÍTULO 4

PELO AMOR QUE NOS DISSEMOS

Uma canção para Luas e Estrelas | 64

**Yaçanã (Para o meu passarinho que me fez/
faz experimentar outros voos) | 66**

Espinhos de Rosa | 68

Imanências | 70

Uma carta por meu amor | 71

Eu te amo tanto II | 73

Um tiquinho de você | 75

No silêncio, teu gosto | 76

Porque sempre te amarei | 78

À procura de ti | 80

Bilhete derradeiro | 82

Pelo amor que disseste | 83

Movente II (tentando responder-te) | 86

Universo em cena | 89

Peço-lhe perdão, amor | 91

No mundo de Perfídia | 94

REFERÊNCIAS | 96

PREFÁCIO

A alegria, o prazer e a gratidão pelo convite para prefaciar esta bela e potente obra de Evanilson Tavares de França, intitulada *Movente*, são imensuráveis. Emociona-me, de modo especial, a possibilidade de compartilhamento de sua “Escrevivência” Poética – termo referendado na nossa grande mestra Conceição Evaristo (2006). Escrevivência Poética está explícita desde os primeiros contatos com este grande ser humano, que é professor, cientista, homem negro, esposo, pai, irmão, amigo, e POETA, entre tantas dimensões de sua existência e resistência vital.

Já nos primeiros escritos dele, aos quais tive acesso na sua retomada ao espaço acadêmico, como aluno especial do mestrado e, em seguida, como mestrando, chamava minha atenção e me encantava a potente essência poética presente em sua escrita e também em suas exposições orais – sobre a dimensão pedagógica do currículo, sobre a política educacional ou sobre a prática pedagógica de modo geral, ou quaisquer outros temas tratados.

Com um viés crítico, revolucionário e decolonial, a poesia autoral ou referencial sempre esteve presente na sua vivência, nas suas produções, nos seus diálogos. Entre suas referências recorrentes, o poeta e militante negro Solano Trindade, autor que algum tempo depois foi foco de um grande projeto ide-

alizado e coordenado por Evanilson, em parceria com outras e outros profissionais do Colégio Estadual John Kennedy, no qual ele atua como professor e pedagogo: o Projeto intitulado *Alma Africana*, que tinha como um dos subprojetos o *Grupo ParlaCÊNICO de Teatro*, composto por estudantes da referida unidade de ensino. Nesse período, o professor/poeta me enviou um roteiro intitulado *Solano Trindade – Uma Alma Negra*. E terminei a leitura extremamente emocionada com a pujante força revolucionária e poética do texto. Era a (re)existência negra de Solano Trindade, de Evanilson e de cada uma/um de nós, entrelaçada no Ubuntu ancestral e contemporâneo.

O referido texto ficou em cartaz nos teatros Atheneu e Lourival Batista, em Aracaju, tendo como principal público as/os estudantes das escolas públicas sergipanas (por meio de outro subprojeto coordenado pelo poeta em tela, *A escola pública vai ao teatro*), sendo também apresentado em outros estados. Quanto ao projeto *Alma Africana*, este recebeu alguns prêmios durante sua vigência, tendo sido, inclusive, socializado com educadoras e educadores da Rede Estadual de Pernambuco.

De pronto, vemos o Ubuntu na poesia de Evanilson, que se faz presente em toda sua caminhada, nas suas narrativas escritas ou oralizadas, na sua dissertação de mestrado, nos artigos, na sua tese de doutorado, nos livros, nas oficinas realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa Identidades e Alteridades: diferenças e desigualdades na educação (Gepiadde/UFS), na sua atuação docente, na sua vida.

E recentemente, recebi mais um presente deste grande po-

eta: ter acesso ao processo de elaboração e fazer parte da banca examinadora de sua tese de doutorado (*O “jeito que o corpo dá”: práticas culturais e práticas curriculares numa roda de Samba de Pareia*). Tese essa “grávida” das culturas negras sergipanas da Mussuca - Laranjeiras - SE, na linguagem poética dialógica – recorrendo aqui a dois termos freireanos (FREIRE, 1996) bastante usados por Evanilson, um apaixonado por Paulo Freire, assim como nós.

Ao longo desse tempo, a expectativa de que a poesia deste *griot*, que transita pelas múltiplas dimensões da vida, da educação, da luta por democracia e por equidade social, ganharia publicação, em obra completa, só cresceu. Finalmente, este momento chegou e exatamente quando os desafios que vivemos tornam a poesia fundamental para dar mais leveza e mais potência à vida. Desse modo, oficializa-se o nascimento do MOVENTE.

Nasce uma obra gestada não em um momento, mas em um caminhar de vida, num movimento inusitado e potente (indecifrável para quem não entende as encruzilhadas nas quais Evanilson se constituiu/constitui), numa tessitura contínua e dialógica nos diversos encontros vitais da existência do poeta.

Nessa perspectiva, o livro ora prefaciado, intitulado “Movente”, em seu título já anuncia o fio de sua tessitura: a ideia de movimento, de mobilidade entre as fronteiras, de trânsito entre as identidades e alteridades, fortalecendo a empatia entre o eu e o nós, de alargamento do Ubuntu.

Apresenta-se uma obra bem escrita, cheia de vida, poten-

te, enraizada e espraiada na vivência do seu autor. Obra esta, organizada em quatro capítulos, nomeados como: Cheiro de Terra (1), Identidade (2), Resistência (3) e Pelo amor que nos dissemos (4).

O Capítulo I, “Cheiro da Terra”, composto pelos poemas “Além do tempo, a poesia”, “Memórias de mãe” e “Versos em brasa”, traz a contextura das raízes ancestrais e o cotidiano da trajetória do seu autor. Este consegue compartilhar com leitoras e leitores os saberes, os sabores e as relações da sua “Escrivivência” (mais uma vez recorrendo à grande e imortal Conceição Evaristo).

O capítulo II, “Identidade”, que nos presenteia com os impactantes poemas “Espírito e corpo negros”, “Toada negra”, “Vinte e três minutos”, “O coração do bom senhor (uma reverência à casa grande e aos seus herdeiros)” e “Fragmentos”, traz o compartilhamento de narrativas político-poéticas constitutivas das múltiplas resistências e re/existências da afrodiáspora brasileira, apresentando como fios condutores dessa caminhada as africanidades, estando estas enraizadas nos valores civilizatórios afro-brasileiros.

Cremos que, aqui, convém um destaque: compreendemos as africanidades brasileiras como repertórios sociopolíticos histórico-culturais, filosóficos e pedagógicos produzidos pela diáspora africana, ou seja, envolve conhecimentos, saberes, valores, vivências, simbolismos, práticas, ações, entre outras, que se fazem presentes de forma ampla na sociedade, apesar dos mecanismos de negação, desvalorização, invisibilidade, que

ainda persistem, mesmo diante dos processos de resistência, inaugurados ainda nos tumbeiros, por negras e negros escravizados (LIMA; TRINDADE, 2009).

Reitera-se essa perspectiva na escrita de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva ao explicitar que

[...] estudar Africanidades Brasileiras significa estudar um jeito de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e lutar por sua dignidade, próprio dos descendentes de africanos que, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com quem convivem suas influências, e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as daqueles. (SILVA, 2003, p. 26).

Por outro lado, os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros são conhecimentos, sentidos, conceitos e vivências enraizados nas histórias e culturas, que passam a fazer parte da sociedade brasileira a partir da diáspora africana. Encontram-se entranhados na existência brasileira, como partes das africanidades e ao mesmo tempo balizando-as. Entre estes, destacamos a Ancestralidade, a Energia Vital (Axé), a Corporeidade, o Comunitarismo, a Oralidade, a Religiosidade, a Musicalidade, a Memória e a Circularidade.

Nesse sentido, destaca-se o poema “Espírito e Corpo Negros”, no qual as dores, resistências e repertórios identitários explicitam a força dessas africanidades enraizadas e espraia-das nas mentes, nos corpos e nos movimentos existenciais afrodiáspóricos brasileiros.

No poema “Toada Negra”, os enfrentamentos e as resis-

tências ao escravismo, ao colonialismo e ao racismo se fazem presentes, ancorados naqueles mesmos valores civilizatórios da Ancestralidade, do Axé, da Corporeidade, da Circularidade, da Musicalidade, entre outros.

Enfim, cada um desses poemas é uma expressão da Existência e Resistência afrodiáspóricas neste país e um chamado político-poético ao engajamento à vivência da Educação das Relações Étnico-raciais (ERER), como *práxis* político-pedagógica antirracista, que possibilite o reconhecimento, a valorização e o exercício de direitos equânimes aos sujeitos dos múltiplos grupos étnico-raciais e culturais que têm historicamente construído o Brasil.

Considerando as implicações do racismo na constituição do país, a necessidade de trazer as africanidades e os valores civilizatórios e seus protagonistas para o centro da cena é imperativa. Só assim podemos extinguir as recorrências dos fatos presentes no poema/denúncia “Vinte e três minutos”, um grito de protesto contra o genocídio da população, de modo mais gritante da juventude, das mulheres e das crianças negras.

O Capítulo III, “Resistência”, composto pelos poemas “O suplício”, “Quem secará a última lágrima?”, “Saudades de andorinhas”, “Verás que um filho teu não foge à luta”, “Nós”, “Meu povo anda assustado”, “Minha gente anda nostálgica” e “Poemação”, centra-se, numa crescente, em relação aos anteriores, na expressão dialogada sobre a opressão social e étnico-racial enfrentada pela população negra e os desafios vividos e as estratégias de resistência nesse contexto. Da dor expressa

no poema “Saudades de Andorinhas”, no qual se visualiza a denúncia da miséria produzida pelo racismo, ao conclame para a realimentação e continuidade da luta presente no chamado poema “Verás que um filho teu não foge à luta”: chamando para o fortalecimento do Ubuntu, e, poeticamente, para novos entrelaces no/do Comunitarismo, assim como para a continuidade da resistência/(re)existência.

Finalmente, o Capítulo IV, “Pelo amor que nos dissemos”, composto pelos poemas “Uma canção para Luas e Estrelas”, “Yaçanã (para o meu passarinho que me fez/faz experimentar outros voos)”, “Espinhos de Rosa”, “Imanências”, “Uma carta por meu amor”, “Eu te amo tanto II”, “Um tiquinho de você”, “No silêncio, teu gosto”, “Porque sempre te amarei”, “Bilhe-te derradeiro”, “Pelo amor que disseste”, “Movente II (tentando responder-te)”, “Universo em cena”, “Peço-lhe perdão, amor” e “O mundo de Perfídia”. Esse capítulo, especialmente, fecha o ciclo aberto pelos afetos e experiências ancestrais com o matriarcado familiar e com a cotidianidade. Nesse último, as reminiscências e as múltiplas experiências românticas e afetividades vividas. Dos amores da trajetória aos profundos amores da paternidade (nesse último caso, expressos pelos poemas “Uma canção para luas e estrelas” e “Yaçanã (para o meu passarinho que me fez/faz experimentar outros voos)” – emocionantes declarações de amor a suas filhas, o que só evidencia a força poética da existência do autor desta obra).

De repente, surge com força os poemas de declaração de amor, entre estes: “Uma carta por meu amor”, “Eu te amo tan-

to II”, “Um tiquinho de você”, “No silêncio, teu gosto”, “Porque sempre te amarei”, além do icônico poema que nomeia a obra – “Movente II (Tentando responder-te)” –, que de forma pungente constitui um diálogo amoroso sobre a centralidade da afetividade na existência humana, em meio a todos os desafios que enfrentamos nas múltiplas dimensões da vida.

O amar em suas múltiplas dimensões como uma relação constituída também a partir do diálogo, do querer, da escuta, do respeito às especificidades, em um caminhar dialógico entre as identidades e alteridades, tendo o afeto como fio condutor. Movente é o fio condutor da vida em todas as suas dimensões. Perceber e buscar a potência desses movimentos é o diferencial entre estagnar-se e VIVER.

Asê! E boas-vindas a todas, todes e todos ao Movente da circularidade da vida, aos encontros e reencontros, a retomada do fôlego, ao Ubuntu para a continuidade da luta. E boa leitura.

Com afeto e esperança,

Profa. Dra. Maria Batista Lima (Lia Lima)¹

¹Mulher Negra. Profa. Associada da Universidade Federal de Sergipe (UFS)/ Departamento de Educação do Campus Prof. Alberto Carvalho (DEDI), do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGE-CIMA) e membro/pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Identidades e Alteridades: Diferenças e Desigualdades na Educação (GEPIADDE) e também do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI/UFS).

PALAVRA DO AUTOR

Movente é minha primeira obra literária, embora, outros poemas, aqui e ali, já tenham sido publicados. Espero que outras vicejem, pois tendemos a mimar os filhos únicos. Mas, em verdade, sua gestação durou décadas; é, portanto, um parto tardio. Iniciou-se com o menino de 11, 12 anos, sentado na cama de mola, ouvindo Altemar Dutra, Agnaldo Timóteo e um Roberto Carlos que se reteve na década de 1970. Ou lendo Álvares de Azevedo (cujos olhos foram fechados pela irmã – talvez! – não em um amanhã, como pensava o poeta, mas num hoje apressado) trepado num galho de mangueira frondosa e afastada de outras árvores que insinuavam um pomar.

Os versos objetivavam encantar as meninas de mesma idade ou um pouquinho mais velhas e proteger a timidez do poeta/menino que desejava ser Azevedo, a despeito da tísica e da morte precoce daquele que me mostrou a liberdade das palavras e os jogos nos quais elas participam, independentemente do desejo de quem as convida para brincar - ou para jogar.

Os poemas eram escritos à caneta, em folhas de caderno borrifadas com perfume barato, que descoloria as palavras; mas, espero, não subtraía delas a força da paixão pubescente. Ou talvez não, uma vez que nunca tive êxito nas aventuras amorosas daquela época.

Nesta obra, não há poemas daquele período, embora alguns permaneçam protegidos de olhos outros que acreditam

ser possível valorar a arte. Mas o menino se contorce por entre os versos e lhe dá asas e sonhos, põe-los na encruzilhada e possibilita que o inusitado flutue. O menino também se insinua nos poemas, por via das memórias que o corpo carrega, das leituras de mundo que lhe foi possível, as quais, ainda hoje, não se fazem sem uma conversa umbilical com aquele olhar pueril.

Tenho saudades deles. De Azevedo, tento matá-la, inobstante ela nunca morra, lendo seus livros e pranteando em razão de sua poesia e da perda do amigo que nunca conheci, mas que se fez parceiro fiel durante anos. A saudade do menino é mais difícil combatê-la: as exigências da vida adulta, as responsabilidades que vamos assumindo, a sobrevivência em um mundo cru e cruel – tão desigual, tão excludente – sufocam o sonhar menino, obstam as paixões ingênuas, recriminam a liberdade que só as crianças alcançam e entendem, censuram o riso escancarado, as brincadeiras de rua, os gritos incompreensíveis para os adultos, as corridas contra e com o invisível, a vida imaginada.

Então, recorro à poesia para encontrá-lo. E gostaria, a despeito das dificuldades, de escrever como ele: movido apenas pela paixão daquele instante, descolorido no momento seguinte pelo perfume borrifado.



CAPÍTULO 1

CHEIRO DE

TERRA

ALÉM DO TEMPO, A POESIA

Sempre quis que minha poesia
Tivesse o cheiro de terra molhada
Que seus versos respingassem em mim
Como gotículas de chuva
Que se contorcem por entre as frestas
Que juntam e singularizam as telhas

Sonhei minha poesia
Com gosto de café da manhã
Numa toalha estendida
Sob a sombra daquela mangueira
Que segreda o beijo desengonçado
E esconde os temores do menino

Minha poesia seria então
Feita de queijo e manteiga
Teria o calor de café com leite
E se desmancharia na boca
Tal como pão adormecido
Que hoje é torrada

Com o tamanho da inocência
Não andaria por entre sacis
E nem assobiaria à noite
Tampouco seria contaminada
Pelas somas e assombros
Que por certo chegarão amanhã

Mas meu verso, a despeito de mim
Trilhou por outros caminhos
E converteu os respingos de chuva
Em flechas de relâmpago
Que rasgam minhas veias
E impedem que a inocência as suture

MEMÓRIAS DE MÃE

Lembro-me de mãe
Com o gosto dos rincões nordestinos
O calor do Sol acostumando a pele
A resistência da macambira
À teimosia das páginas do tempo
Os calcanhares guardando
O segredo dos caminhos
As mãos narrando a fome vencida
Os mapas na frente contando
Histórias já repetidas
A voz entoando *blues*
Recordando enredos replicados

Lembro-me de mãe como lembro
Do cheiro da terra que o orvalho banha
Do fogão a lenha esperando o estômago
Das histórias exitosas ao redor da fogueira
(Em cujo seio plantávamos um amanhã
Sempre tão distante, sempre tão difícil)
Lembro-me de mãe preparando a garapa
Salpicando, nela, um tanto de lágrimas

Lembro-me de mãe repartindo o grão
E do seu prato entulhado de vácuo
Lembro-me de mãe escondendo a dor
Por traz da fumaça do cachimbo

De mãe, lembro-me ao ouvir o canto do Bem-te-vi
E de sua esperança na mensagem do pássaro
Das rezas que nos protegiam dos inimigos
Das bênçãos enquanto não a ouvíamos
Das promessas por amanhã sempre iguais
Das histórias em cordel que nos letravam
Dos conselhos prenhes de topadas
Dos cânticos que abafavam o desamparo
Dos risos que animavam o sonho etéreo
Das narrativas heroicas de Palmares
Das benzeduras que nos protegiam
Do insólito

As lembranças de mãe
Trago tatuadas no meu corpo
Acaricio-as, vez ou outra, com ternura
E as protejo dos ditames que a escrita me enredou
Às vezes, recolho algumas, remexo noutras
Saboreio, degluto-as – alimento-me
E vejo mãe com o umbigo aquecendo o fogão
Inventando magias aplacadoras da miséria

Que nos desenhava o relevo das costelas
Lembro-me de mãe com os pés alados
O punho erguido em resistência
Apesar da flacidez dos músculos

VERSOS EM BRASA

Queria compor poesia
Como minha mãe torrava café
Sempre havia calor
Antes e depois do preparo

Um punhado de grãos
Sambando no tacho
Embaixo, a madeira em brasa
Aquecia a casa

Uma mancheia de açúcar
E a colher de pau já desgastada
Equilibrava pretos e brancos
Amargura e docilidade
Como deveria ser a vida

O aroma nos perfumava
E convidava os vizinhos
E pães e manteiga e leite
E conversas jogadas fora



Depois os cristais negros
Eram lançados no pilão
Todos queriam suar e ser grãos
Do café que éramos naquel'ora

Logo mais, um círculo
Uma xícara de café em cada mão
Uma gamela com pães amanteigados
E se colhia aquelas conversas
Como grãos de café

Não torro meus versos no tacho
Nem os faço como se todos
Os dias fossem domingo
Apenas deixo-me queimar
E a alma grita do fundo da xícara

CAPÍTULO 2

IDENTIDADE

ESPÍRITO E CORPO NEGROS

Por quantas vezes ainda devo esconder-me de ti em mim?
Por quantas estradas ainda preciso esgueirar-me
para que teu ódio insosso não me encontre
e eu não me torne alvo fácil de tua covardia?
Quantas personagens preciso construir
para representar honesta
a honestidade que deveras tenho?

A estúpida fotografia que repousa
nos escaninhos de tua alma
é incapaz de revelar o que nutre o meu espírito;
e mesmo assim tuas facas insanas (e amoladas)
rasgam-me o ventre com morbidez tal,
capaz de fazer Ustra embriagar-se de prazer
e tornar-se, com brilho nos olhos, sectário teu.

Escolhes minha pele para dizer-nos o que sou.
Quanta estupidez!
Incursionas-te por meu cabelo
para esquadrinhar-nos passado, presente e futuro.
Quão arrogante és tu!

Somente a mim são dados o direito e o poder
de construir o meu caminho.
Dizes-me por onde ando
e não conheces meus sonhos (nem pesadelos).
Condenas-me a pária,
quando os crimes são teus.
Imputas-me as causas da desgraça e da dor,
quando foste tu que apagaste o sorriso da vida
e maculaste com sangue a luz do Sol.

Tenho a cor da noite
porque trago o mistério
como marca de minhas ancestralidades.
Tenho a cor da noite
porque é nela que brilham as estrelas
e meus olhos encontram meu amor em regozijo.
Tenho a cor da noite
porque sem ela o dia não teria sentido
e a vida seria apenas um átomo insípido
perdido no universo.

TOADA NEGRA

Embora nos tenham atirado
aos montes
qual trapos
numa embarcação

Nossos corpos travados
cravados
crivados
a ferro e carvão

Entre tumbas e túmulos
nos tenham irmanado
à morte
d'agora e d'então

De terror nosso lar
deram-se um jeito de erguer
cada tronco
antes dele, o porão

Tal farpas ou farrapos
nos tenham entalado
entre o suplício, a cova
e a maldição

Estuprados, explorados, estripados
os corpos, os ossos
(a alma!)
sem dó ou indignação

Mesmo que a cada fração
de minuto
segundo
se arranque o ar de nosso pulmão

Que griteiros socorro
e não haja retorno
o eco dissipe
e ensurdeça toda audição

Que nossos corpos inertes
privados da vida
continuem compondo
empanturrando o chão

Onde planície e planalto
engenhem projetos
seus tetos, seus fetos
com nossas vísceras e mãos

Que cada esperança esboçada
inventada encontre
encraves, entraves
armadilhas, alçapão

Não é com tocha
que fazemos a vida
que vibra o Axé
que cunhamos a paixão

O leite nos serve
misturado ao café
que torramos no tacho
e com um dedo de prosa
comemos o pão

Reinventamos a vida
a forma de vê-la
e de tê-la acolhida
em nossas próprias mãos

A cavalo cortamos Atlântico
sob as rédeas d'Ogum
ou d'Oxóssi
conforme a Nação

Não usamos tropel
nem fazemos escarcéu
com sangue nos olhos
incitando a multidão

Nosso ritmo é outro
gingamos na roda
de Candomblé, Capoeira
dançamos Lundu e Baião

Criamo-nos nas cruzas
entre tempos e espaços
o Orum e o Aiyê
crença e compaixão

Não esquecemos as dores
mas não servimos à morte
nem somos escravos
da escravização

Nossas lutas nasceram
nas barras das saias
nas tranças, na raia
no pé do fogão

Se estenderam
nos quilombos
nos ombros, nos tombos
de cada irmão

Continuam em nós
alimentam a prosa
movem a pena
de cada escrivão

Estão no suor da menina
nas mãos calejadas
de quem mata a fome
do seio do chão

Estão no Maracatu
no acarajé, no angu
nos Filhos de Gandhi
no Frevo, na tradição

No samba de Roda
no Tambor de Crioula
no Jongo, no Afoxé
e na religião

Estão no acaçá
nas folhas de Ossanha
nas águas de Oxum
e de Xangô, no trovão

No feitiço de Nanã
nas pipocas de Omolu
na beleza de Logun
de Oxalá, em sua bênção

Nossa ânsia de vida
não é fraticida
nem se vincula
à miserabilização

Amamos o Sol
admiramos a Lua
Quando cruzam as diferenças
nasce a nossa invenção

VINTE E TRÊS MINUTOS

Iniciou-se a contagem
Foi feita a triagem
Sou da porcentagem
Sem erro em margem
Há uma bala pra mim

O tempo não para
O peito dispara
Ninguém me ampara
A morte me encara
Há uma bala pra mim

Tento um indulto
Um jurisconsulto
Não recolho fruto
Sou próximo defunto
Há uma bala pra mim

Pela melanina
Assinou-se a sina
A que me destina
A lei determina
Há uma bala pra mim

É oficial
Sou um marginal
Sem crime afinal
O mandado é legal
Há uma bala pra mim

Busco uma capela
Acendo uma vela
Estou sem tutela
A sentença em tela
Há uma bala pra mim

Um estampido em flecha
Não há quem impeça
Meu peito atravessa
A morte se apressa
Há uma bala em mim

Já me falta o ar
“Não consigo respirar”
Me resta rezar
Valei-me, Oxalá
Chegou o meu fim

Vinte e três minutos

É oficial
Sou um marginal
Sem crime afinal
O mandado é legal
Há uma bala pra mim

Busco uma capela
Acendo uma vela
Estou sem tutela
A sentença em tela
Há uma bala pra mim

Um estampido em flecha
Não há quem impeça
Meu peito atravessa
A morte se apressa
Há uma bala em mim

Já me falta o ar
“Não consigo respirar”
Me resta rezar
Valei-me, Oxalá
Chegou o meu fim

Vinte e três minutos

O CORAÇÃO DO BOM SENHOR

(Uma reverência à casa grande e aos seus herdeiros)

- Ei-lo aqui, meu anjo.

É teu. Use-o como bem entenderes.

Dê-lhe alguma comida, se quiseres.

Ou não, se não pretenderes.

Tem bastante lá no cocho,
mas segue os teus quereres.

- Comprei-o para ti, meu anjo.

É meu presente dominical.

Adestre-o severamente,
ensine-o a dormir no quintal.

O castigo lhe é saudável.

É-lhe ato natural.

- É todo teu, meu anjo.

Um presente do teu papai,
que te ama mais que tudo.

E te amará ainda mais.

Meu amor por ti é tanto
quanto estrelas celestiais.

- Dê-lhe água, meu anjo -
uma vez a cada dia.

Use aquele outro cocho
onde bebe a cotia.

Faça-o suar no campo,
correr em agonia.

- Torne-o resistente, meu anjo.

Não esquece esse conselho.

Forje-o forte, corajoso,
mas humilhe o fedelho.

Ponha-o em seu lugar.

Faça-o pôr-se de joelhos.

- Eis aqui a corrente, meu anjo,

para prendê-lo sem piedade.

Repita isso constantemente.

Não o acostume à liberdade.

Há também este chicote
para tolher-lhe a vontade.

- Não te enganes, meu anjo,
se fiel te parecer.

Não é coisa confiável;
puna-o até te obedecer.

É bicho traiçoeiro.

Algum mal há de fazer.

- Não foi fácil trazê-lo, meu anjo.
A mãe urrava loucamente.

Coisa repugnante.
Envergonhava a toda a gente!
Gritava sem sentido.
Talvez fosse uma demente.

- Não entendi tal absurdo, meu anjo,
por essa coisa tão... tão chinfim.
Como pôde gritar tanto?
Deus! A lamúria não tinha fim!
Foi preciso pô-la no tronco
e fazer jorrar carmim.

- Ele é ainda muito novo, meu anjo.
Conta apenas oito anos.
Mãe e pai vindos de África.
É descendente d'africano.
Até lembra um pouco gente,
mas é apenas subumano.

FRAGMENTOS

Em manhãs de domingo
Monto um Temporal e parto em busca de mim
Encontro-me em Azevedo esperando que num
Amanhã qualquer minha irmã me feche os olhos

Acolá, numa mesa de bar, aguardo
A Banda passar tocando outra canção
Em ritmo de *blues*, de samba
Quiçá, fazendo a Internacional vibrar

Logo mais, estou no picadeiro junto
A tantos outros palhaços, em marcha,
Esgarçando o véu da noite e fazendo
Ri estrelas, cujos brilhos encontram-se sob suspeita

Mais adiante, vejo-me Gaivota
Sobrevoando aquis e agoras
Temerosa de amanhãs que se repetem
E repetem o pranto do chão e as lágrimas do céu

Vejo-me guevareando
Despertando corpos esquálidos, cansados
Abrasando cinzas de sonhos que um
Dia foram lenha, foram fogueira

Deparo-me sob marquises, de corpo encolhido
Convencendo o estômago pelo olfato
Que guarda a memória do sapateiro
Demitindo-me da vida, ainda que o coração pulse

Sentado à beira da calçada, sinto-me
Aquele menino que, em instantes,
Estará no jornal com tarja nos olhos
Filho de ninguém – vítima de qualquer um

Em manhãs de domingo, no dorso dum Temporal
Descubro-me pedaços, fragmentos, ciscos
Ao sabor dos ventos e das tempestades
Que, por certo, me negarão um dia

CAPÍTULO 3

RESISTÊNCIA

O SUPLÍCIO

Todas as segundas, eu perco minhas asas.
Eu as recupero logo mais,
ainda na noite do mesmo dia;
mas não são as mesmas –
não são como as mesmas:
elas estão cada vez mais frágeis,
cada vez mais tristes.
E é sempre muito cansativo
cultivar novas asas – e se elas não brotarem?
E há sempre uma nova segunda-feira –
todas as semanas, invariavelmente, têm uma.
E o trabalho de amputação violenta
(todos eles são)
reinicia-se prudentemente.
Sou o próprio Damiens
experimentando o suplício contínuo.
Já no alvorecer do sábado,
inicia-se o desmembramento;
e tudo transcorre
atenazando, de prima, o espírito,
a consciência, a esperança, a lucidez.
E na segunda-feira, de estômago vazio
(não há como alimentar-me – não há alimento),
tracionadas a seis cavalos,

elas são arrancadas sob aplausos,
num quadrilátero mergulhado em sangue,
em lágrima, em pele esfolada,
em farelos de carne, em pânico,
em pavor, em urina, em fezes,
em covardia – em gosto de morte.
“Meu Deus, tende piedade de mim;
Jesus, socorrei-me!” – gritava Damiens
(Imploro eu!).
À noite, o processo de cura ganha forma
para ser abalado daqui a algumas horas:
porque toda segunda, eu perco minhas asas.
Então, no domingo, organizo a porcelana (inglesa)
e convido a Morte para um chá, das cinco.

QUEM SECARÁ A ÚLTIMA LÁGRIMA?

Quem secará a última lágrima...

...quando o vermelho desbotar
E o último construtor arquear-se
Por entre cifrões que decoram caminhos
Ornamentam sonhos
E desvestem a liberdade?

...quando o menino perder-se
Por entre estradas de névoa
Heróis do acaso
E cenários que camuflam a pedra?

...quando a moça deitar-se sobre a relva
E o príncipe evaporar-se
Porque a canção emudeceu
O poeta “desinspirou-se”
E a Internacional perdeu o tom?

...quando o último exilado
Apertar a mão do latifúndio
Deliciar-se em Coca-Cola
E chegar ao céu com um hambúrguer na boca?

...quando o sorriso pálido da menina franzina
Encontrar o bolso do senhor sisudo
Que se satisfaz
Que a desfaz
Que a gente faz?

...quando, numa lojinha de shopping
Amigo vender amigo
Porque é preciso se ver
Porque não precisa rever
Porque garante a revista?

Quem verterá a última lágrima
Quando o último guerreiro desembainhar a espada
O trabalhador secar a gota de suor derradeira
A rosa perder a última pétala
E a bandeira branca desfraldar-se pela última vez?

Quem – por Deus! – secará a última lágrima?

SAUDADES DE ANDORINHAS

As andorinhas já não cortam o mundo em bando.
Não mais há bandos.
Tampouco, resistem os sonhos de burilar a pedra –
e elas permanecem no caminho.
As pedras adquiriram mimetismo,
vez que não há mais andorinhas
Singrando nuvens
e cortando o tempo que desgastava pedras.
Sem andorinhas e com pedras,
os cânticos já não são sinfônicos,
nem ouvidos,
exceto os petrificados:
todos eles golpearam fatalmente
corações de andorinhas.
Caminhos de pedras,
e sem andorinhas,
ergueram-se em paredes densas:
obstáculos de andorinhas e de seus cantos;
nem os ecos sobreviveram.
Não há mais cantos...
nem pensamentos à andorinha.
Há, entretanto, pedregulhos
e a solidão que os define – e os refina.

Há pedregulhos – e como há! –
emplumados, exorbitantes...
todavia, como não há mais andorinhas
(nem possibilidade de tê-las?),
também não há como polir as pedras.
E elas, em solidão coletiva,
espelham-se em si.
E ser pedra é também o seu porvir.

“VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA”

...Porque as dores ecoam do povo
e ardem nas veias dos que ainda as têm;
flamejam na alma e faz o pulso brindar
meus olhos, como ocorre com as crianças
que apertam o estômago e escondem
a dor da fome: evitam encharcar os olhos da mãe.
São todas sertanejas e já nasceram no calor
que queima até a macambira,
só não acalora o peito daquele orador
que brada na planície e se acomoda no Planalto.

...Porque os corpos estão esqueléticos,
as mentes embotadas,
mas o espírito não desaprendeu o mistério do voo.
São todos águias incapazes de esquecer
os segredos do céu e a alegria em alcançá-lo -
similares a tantas meninas que se veem
por sob bichos insaciáveis,
mas que nunca abandonam os sonhos de príncipe.
(Lembras-te delas?).

Teus filhos clamam tua presença
nas filas,
nos leitos,
sob marquises e pontes,
encarcerados –
em verdade, outros tantos foram agrilhoados –
e abandonados! –, porque ganharam asas e
despertaram aquela célula que Guevara regou.

Teus filhos fortaleceram-se,
a despeito da comida que faltou,
da água que secou,
da escola reprovada,
do hospital adoecido,
da liberdade algemada,
do salário que perdeu o rumo.
E tu sabes o destino que lhe foi dado!
Não podem, teus filhos,
deitar-se “eternamente em berço esplêndido”,
porque ainda que a poesia tenha perdido a rima,
as palavras continuam aladas
e o poeta persiste em abrir clareira.
Não tens orgulho deles?

NÓS

Estamos à deriva
A âncora se desprende
A bússola desimantou-se
A tripulação enlouqueceu
O capitão intoxicou-se

Estamos à deriva
O oceano esverdeou-se
A oliva refloresceu
A onda desbaratou-se
A marola esvaneceu

Estamos à deriva
Ismo mostrou a face
A noite se estendeu
Mãos em desenlace
O poeta não escreveu

Estamos à deriva
Os piratas estão em festa
O fluxo fracionou
No palco, não há orquestra
A canção silenciou

Estamos à deriva
As crianças já não brincam
O brinquedo engatilhou
Os livros estão com trinca
A palavra se confinou

Estamos à deriva
O tsunami cumpriu à risca
A energia que o gerou
A correnteza está arisca
A calmaria atropelou

Estamos à deriva
Sem pão, sem ar, sem água
A fome nos devorou
No peito, a dor, a mágoa
A bandeira se desbotou

Estamos à deriva
Mas o artista está em cena
À frente, cantam Marias
Mais longe, a Seriema

Ali, uma romaria
Segue em cantilena
Acolá, uma cantoria
Com flores de açucena

Adornando a senhoria
Que de longe se aliena
Assim segue a folia
Crendo valer a pena

Tantas vozes se ouvia
Partilhando a mesma cena
Que o sonho que se partia
Fez-se sinfonia plena

Talvez, não estejamos à deriva

MEU POVO ANDA ASSUSTADO...

Meu povo anda assustado
Anda de soslaio
Espreitando-se por entre os destroços de 45
Anda espião de si mesmo
Vigiando-se por ser homem novo

Meu povo anda assustado
Perambulando por entre o vídeo e o fixo
Contorcendo-se entre a arte e a morte
Cantando aleluias
No túmulo de Sade
Reencarnando-se em Masoch
Esperando a chuva que não cai

Meu povo anda assustado
Feito bebê no pós-parto
Vertendo prantos de sangue
Abraçando o seu próximo
Que lhe tem próximo ao peito
Um punhal sorrindo-lhe entre os dentes

Falo do povo de cabelos loiros
Barriga vazia e pele preta
Falo do povo sem idioma

Que dança Candomblé
E fala inglês
Falo do povo solidário
De conta alta
E Deus no coração

Meu povo anda assustado
No final do dia
Aguardando um por de Sol que não vem
Esperando a parte que lhe reserva o destino

Minha gente anda assustada
E me enerva esse temor
Não que o medo não me seja amigo velho
Mas a incerteza de que também não trago
Um punhal entre os dentes

MINHA GENTE ANDA NOSTÁLGICA...

Minha gente anda nostálgica
Anda cabisbaixa
Olhando os passos que vão à frente
Contando os grãos de areia
Que jamais serão pedras
Não falo do povo
Que é produto sulista
Que é produto estrangeiro

Não falo do povo de tatuagem
Que tem um *baby*
E anda “loveando” os rapazes de músculos inflados
Que só têm de seu
A vontade de ser homem grande
E a namorada franzina
Que masca chiclete muito mal

Falo do povo de cabeça chata
Barriga grande
Costelas em alto-relevo
E sonhos de nuvem
Falo do povo hospitaleiro
Que converte sua casa em praça pública
E sonha com os domingos

Que são sempre iguais
Falo do povo que se debruça nas janelas
Esperando a banda passar

Meu povo anda nostálgico
E me inquieta essa nostalgia
Talvez esteja com saudades da saudade
Que em nossos dias
Transformou-se em vapor
Subiu ao espaço e confundiu-se entre as nuvens

Talvez esteja cansado
De ver a banda passar
Tocando a mesma música
Ou talvez
Ou talvez tenha perdido por entre as lágrimas
Todas as esperanças
E esteja aguardando apenas
A morte chegar

POEMAÇÃO

Gostaria de compor uma poesia
que abrisse clareiras e gorjeasse
o cântico que empurra multidões.
Um poema febril, atento à frieza
que agasalha o senhor e silencia
o político ante a miserabilização.
Seria um poema gritado, berrado
em uníssono como uma sinfonia
imparável, entrelaçando mãos,
arrebataando sonhos em inércia.
Falaria de flores, mas desvelaria
os espinhos que as fazem ferir.
Como no carnaval, agitaria os
corpos, embriagaria a menina,
faria o gringo tropeçar no samba.
Sem mordada, recitaria o verso
banhado em sangue, em lágrima,
grávido da crueza que desfaz a vida.
Desafiaria o pregador que clama por Deus
e ora, compulsivamente, pela moeda,
esvaziando bolsos já esvaziados,
o que explica cultos tresloucados,
opções desvairadas e escusas.
Não pouparia nenhum escândalo

nem se abalaria com a hipocrisia
que baila no planalto e infecta a
planície incauta, alienada, pura.
Meu poema seria dos trabalhadores,
dos escravizados, das mulheres,
dos negros, das crianças, cujas mães,
em pranto, oram por suas almas,
catam seus corpos, contam dores.
Empunharia bandeira em arco-íris.
Seriam versos afiados como faca,
calejados como mãos de sertanejo.
Nos pés, as marcas da estrada longa
desvendariam as histórias incapazes
de alimentar o sono tolo da boiada.
O arrebatamento seria seu objetivo:
em cada palavra, a liberdade alada,
o retrato nítido, a nudez destemida,
vozes ecoando, rostos diversos;
a esperança, em galope, rodeando
a multidão incontida, sonhadora.
Minha poesia não teria autoria:
seria os corpos em movimento,
a cantoria dos “condenados da terra”,
a romaria dos “demitidos da vida”.
Se um dia eu compuser esse poema,
olharei o caminho percorrido
e enxergarei rastros de poeta.

CAPÍTULO 4

PELO AMOR QUE NOS DISSEMOS

UMA CANÇÃO PARA LUAS E ESTRELAS

Já que não posso fazê-lo
Preciso convocar a Lua
Para embalar o sono de minha menina

Que tenha sonhos tranquilos
E desejos que volitem
À sombra daquela pena azul de Gaivota

Preciso que minha menina
Continue ouvindo fadas
E compreenda o segredo das estrelas

Preciso que ela cante esperanças
Como fazem as borboletas
Enquanto sonham no casulo

Já que as histórias nos criam lapsos
Preciso que minha menina
Encontre-me na delicada dobradura
Na qual Tempo e Espaço dialogam

Preciso que ela estenda a mão
À guisa de Michelangelo
Criando o abraço eterno entre o métrico e o Infinito

Já que os anjos não silenciam
Preciso que minha menina
Componha a orquestra celestial

E enquanto vibram as cordas da cítara
Pulse a minha vida
Dando-lhe bússola e carrossel

Preciso ouvir o sorriso nos olhos de minha menina
E enquanto lhe banho com o meu pranto
Assisto-me encantado em sua pupila

Preciso que minha menina
Reencontre as canções
Que o vento lhe fez

E com a suave poesia
Que apenas inflama a alma de meninas
Componha versos que descrevam Estrelas
Lua e Raios de Sol

Já que a noite não me é calma
Preciso dormir no sono de minha menina

YAÇANÃ

(Para o meu passarinho que me fez/faz experimentar outros voos)

Voando bem baixinho
Lá vem o passarinho
Achegando-se de mim

Voa em minha volta
Gorjeia em várias notas
Levando-me a sorrir

Vem meu passarinho
Pousa em meu mindinho
Deixa-me te ouvir

Canta tua canção
Afaga-me o coração
Carrega-me daqui

Lá vai o passarinho
Voando de mansinho
Saindo sem partir

Pipila em outra nota
Curva, faz a volta
Pousa em meu jardim

Ficamos bem juntinhos
Ouvindo com carinho
O som do teu clarim

Ele fica multicolor
Brinca com a flor
Pousa num jasmim

Não cessa de cantar
Voeja pelo ar
Se faz meu Serafim

Afasta os horrores
Aplaca minhas dores
Apaga o que é ruim

Vem meu passarinho
Faz-me um carinho
Fica por aqui

Pousa do meu lado
Cochila sossegado
Ajuda-me a dormir

ESPINHOS DE ROSA

Cultivei enfim
No segredo do peito
Uma Rosa pra mim

Dourada borboleta
Branca violeta
A cor do meu jardim

Perfume de tempo
Encanto de moça
Igual a jasmim

Docemente cuidada
Uma flor encantada
Tal qual Querubim

Numa noite airosa
Busquei todo prosa
A Rosa em mim

Que vestida de morte
Causou-me um corte
Que sangra sem fim

A Rosa vermelha
Corou-me a alma
E deixou-me assim

De corpo espinhado
O peito esfolado
Infeliz colibri

IMANÊNCIAS

Por trás do beijo
A gélida história do ocaso
Por entre as coxas
A frase louca que arrebenta o sorriso
No laço dos braços
A miserabilidade do tempo
Ao encontro da força
Na brevidade dos sussurros
As roupas puídas
Embrulham as almas
E você me diz
Que o tempo exauriu?

UMA CARTA POR MEU AMOR

Escrevo-te assim, meu amor,
como se a saudade, que intrépida arrasta minhas mãos,
invocasse a tua matéria e teu cheiro;
como se tua presença
corporificasse-se diante dos meus olhos
e os meus lábios saciassem toda a sede
que guardam de tua boca.

Escrevo-te na mais pura e legítima intenção
de matar o desejo
que me incorpora e faz do meu corpo
residência fixa tua.
Como se minha alma não mais tivesse pouso,
senão no teu umbigo
ou no descanso da janela dos teus olhos.

Escrevo-te porque já não há nada mais a fazer,
a não ser implorar às palavras, filhas minhas,
que te encontrem e te convençam
a ter-me como morada eterna,
a tomar-me como componente teu:
similar ao feto que não mais intenta sair do ventre,
porque ali, sente-se uno.

Escrevo-te porque a saudade há muito me engana
e eu já não consigo matá-la;
porque o maior dos meus sonhos é pertencer a ti:
sem liberdade, sem identidade, sem mim.
Porque ser teu
é ter toda independência almejada;
é ser livre, é ter tudo – é não desejar mais nada.

Escrevo-te
Porque, ao fazê-lo, a poesia me ampara –
e a dor me é confidente fiel –
e tendo-a como companheira,
tenho-te para a vida inteira.

EU TE AMO TANTO II

Prenhe de verdade
Eu te disse um dia
Que te amo tanto
E tanto te amaria

Mas amar, creia
Jamais é tanto
É voar no tempo
Soar o canto

Sentir-se em dor
Chorar o pranto
Verter a lágrima
Ser o acalanto

Assim é o amor
Acreditarias?
Junção de flor
Com filosofia

Rompe limites
Nele não cabe
Dobra espaços
O tempo invade

Ao amar-te assim
Deste meu jeito
Anima a alma
Aperta o peito

Eu te amo tanto
E tanto te amaria
Mas esse tanto
Aconchegar-nos-ia?

UM TIQUINHO DE VOCÊ

Não sei por que mares seu coração navegou
Se a vela do barco atendeu aos apelos do vento
Ou se com o tempo ela o desrespeitou

Não sei por que chuvas seu pranto se molhou
Se houve temporais no íntimo da alma
Ou se foi com calma que a água chorou

Não sei se, no ventre da noite, o barco parou
Se sob um céu límpido e risonho
No meio do sonho, você me encontrou

Nem mesmo sei se encontro haveria
Se a correnteza que embala o tempo
Gestaria o momento em que me veria

Tampouco, creia, é de meu conhecimento
Se na imprevisibilidade de sua viagem
Haveria ancoragem para algum sentimento

Entretanto, não duvide, sempre hei de saber
No porto, no barco, no mar (onde quer que seja)
O meu corpo almeja um tiquinho de você

NO SILÊNCIO, TEU GOSTO

Sento-me à mesa e cato palavras
Como quem escolhe feijão
Nenhuma delas acaricia tua tez
Mesmo que opte por Drummond

Então, ainda como quem escolhe feijão
Coloco todas na água
Livro-me das que flutuam
As mais densas falham em beijar-te a mão

Tempero-as, ponho-as para cozimento
Sirvo-me, acrescento um tanto de sal
Mastigo-as calma e unitariamente
Não há sabor de ti

Possuo palavras em profusão
Decomponho, reconstruo
Dou-lhes novas asas
Nem tua voz elas lambem

Faço, desfaço, refaço-as
Degusto, mastigo, degluto-as
Saboreio-as como quem come feijão
Não sinto teu gosto

Como quem come feijão
Por necessidade e por prazer
Continuo catando palavras
E deglutindo-as até te encontrar

PORQUE SEMPRE TE AMAREI

Encontrei-te ontem, mais uma vez
É sempre bom quando as nuvens
São nossas praças e os pingos de chuva
Molham os beijos que ainda serão

Não sei se assim tu te sentes
Mas na manhã seguinte aos nossos encontros
Há apenas um par de chinelos à beira da cama
E meu peito, em *blues*, grita teu nome

Os dias, então, são sempre frios e chuvosos
E aguardo as noites para numa nuvem qualquer
Aquecermo-nos sob o Sol e nos embriagarmos
Nos sonhos que alam a vida que ainda não foi

Não singramos o mar naquele barco, amor
Não desafiamos a altura que nos atemoriza
Não fizemos a viagem sem mapa ou bússola
Apenas nos beijamos sob a carícia da chuva

Também não abrimos os portais que nos
Permitiriam abraçar Joshua e Aysha
E eles nos aguardam naquela nuvem
Que precisamos reencontrar, por favor!

Para ti, talvez, haja outro copo à mesa
Talvez, para ti, as nuvens já evaporaram
Para mim, só há noites e encontros
E um par de chinelos esperando companhia

À PROCURA DE TI

Olha, amor meu
Li teu último escrito
Nele, unicamente vapores
E espinhos vestidos de rosa

Por entre palavras sem rédeas
Apenas esquinas órfãs de bússola
E encruzilhadas embriagadas
Por tempos e temporais

Aqui e ali, um espectro teu
Sentado à mesa, olhar ausente
E um copo vazio e solitário
Aguardando o próximo gole

Sonhos distantes, despovoados
Um sorriso amarelo despercebido
De histórias que anseiam por ti
E tua espera por outros festivais

Onde estás, meu bem?
Em que gavetas escondeste
A melodia e o verso em baile
Que nos puseram em valsa?

Em ti, já não enxergo a chuva
Salpicando o beijo que cumpriu
A lista jamais completada
Mas ouço gritos e gestos estéreis

Pranteando, estendo-te a mão
Mas o que vês é o vestido
Salpicado de lama e o copo
Vazio à espera do próximo gole

Infelizmente

BILHETE DERRADEIRO

Quando, por fim, o bilhete último
ela me trouxe em dia, que ignoro,
não partirei de mãos vazias.
Na bagagem, tatuada em mim,
levarei teu sorriso espelhado
nos olhos teus que se estreitam;
levarei tua poesia sem batismo,
sem rima – bela como o alvorecer;
levarei os sabores teus
impressos em minha alma;
minha boca estará molhada
dos beijos que pulsaram minha vida;
teu cheiro preencherá o vento
responsável pelo curso do veleiro;
tua face guiará a embarcação.
Então, feliz, partirei –
ávido pelo beijo que, logo, será.

PELO AMOR QUE DISSESTE

Olha, amor
Por entre segundos e espaços que dobram
Observamo-nos amorosamente
Ao tempo em que contemplamos
As pinturas pinceladas por aqueles beijos
E suores de corpos que explodiam música
Lembras-te? Eu, minuciosamente

Não te enganes
Nem todas as fronteiras são alisáveis
Há sempre rugas e rugas escalando arestas
E digladiando nos vértices pontiagudos
Que a esfera, caprichosamente, camufla – e fere
Ainda não há estradas retas – nem corretas
Mas há pedras que nos falam nos calos dos pés

As palavras nem sempre alimentam nossas conversas
O que não impede que o diálogo atravessasse as noites
E ainda atraia multidões que veem nas estrelas
Os signos de vida e as cifras das generosidades
Todos nos dizemos muito – há muito
Embora o silêncio sempre se apresente pontualmente
E nunca se canse de partilhar seus pensamentos

Não te assustes, meu bem!
Ele já não tem penas azuis
Elas estão disformes e frágeis
Embora se esgueirem por entre dores e flores
Barbelas celestes que, insistentemente
Guardam-te e esperam tua volta
Os sinos sempre tocam ante a aurora

Perdoe-me, mas preciso dizer-te
As crianças brincam de nuvens
E ansiosamente esperam que abras a porta
Cuja chave perdeste por entre convites e vapores
Durante os festivais que ensurdecem a melodia
O quarteto sempre ri ante imagens tuas
Mas o trio, a sós, pranteia ao ver tuas costas

São tantos os telhados, meu bem
Sempre sentamos num deles
E, cuidadosamente, experimentamos
Voos rasantes por entre teus átomos
Mas agora com paraquedas
Já não temos convicção do teu amparo
Se de um deles cairmos acidentalmente

MOVENTE II

(Tentando responder-te)

Então, amor

O pássaro não cai do telhado

Não há quedas

Apenas voos rasantes

Que se esgueiram por encruzilhadas

Cujas potências nos são indecifráveis

Também não há pouso

E nem o tempo se divorcia do espaço

Mas há sementes que voitam

Entre o aqui e o agora

E sonham com flores e frutos

Enquanto a esperança brinca no parque

E quanto ao silêncio, amor

Por favor, não o definas como abandono

Ele apenas acompanha a sutileza da valsa

Enquanto os sinos dobram a sinfonia

Que numa quarta-feira em baile

Moveram nossos lábios no mesmo ritmo

Já o esquecimento, meu bem

Mesmo que defendas o inverso

Divide apartamento com Quimera

As células preservam, em segredo

As histórias sob chuvas e raios de Sol

E anima os corpos dos filhos na antessala

Por falar neles, meu amor

Sempre nos encontramos

Quando o pássaro azul nos visita

E Morfeu nos transporta no seu barco

E, de costas, ao longe, enxergamos-te

Então, nossos prantos são temporais

Continuamos, os três, naquele telhado
De onde o pássaro azul ousou voar
E viste apenas a queda dele
E, embora outras bússolas exijam-te,
As portas continuam abertas e a mesa posta
E, sentados, aguardamos-te para servir a ceia

Não te preocupes, meu bem
Não há espera, apenas o amor bailando
Em celebração pelos encontros
Que por certo se farão
Então, cearemos mais uma vez
Enquanto os sinos dobram aquela valsa

UNIVERSO EM CENA

A queda da folha
(Pobre dela!)

Nunca se faz em segredo do galho
Tampouco, a Terra desconhece o seu impacto
Ainda que a potência se dissipe
A partir do ponto de encontro

Desde o bailado, em queda livre
Vê-se desnuda sua intimidade
Fotografada, impiedosamente, pelo vento
Pelo voo às cegas
Pela convicção que a ampara

As folhas caem
E se isso é universal
Então, por que tentar fazê-lo
Secretamente?

Quão ingênuas são as folhas
Ou antes, quão promíscuas são elas
Ou mais, como são arrogantes
Creem ser capazes de esconderem-se
Numa sala de espelhos

Não há porque perdoar as folhas
Tampouco, há porque condená-las
Resta-nos apenas a singeleza
De vê-las, em queda,
Repousar eternamente no chão
Isoladas

PEÇO-LHE PERDÃO, AMOR

Peço mil perdões, amor
Pelas lutas não travadas por nós
Peço-lhe perdão, amor
Por palavras tão caladas após
Peço-me perdão, amor
Pelo tempo sem ouvir sua voz

Quando você deslizou na estrada
E a lama salpicou seu vestido
Minha mão recolheu-se por medo
Protegendo o meu corpo ferido

Mas feridas são as vozes do tempo
As verdades que se tenta evitar
E o tempo que abre as feridas
É o mesmo que a cura trará

E cicatrizes são degraus da vida
Inspirações que o tempo propôs
Marcas que registram a estrada
O caminho que fizemos nós dois

Peço mil perdões, amor
Pelas lutas não travadas por nós
Peço-lhe perdão, amor
Por palavras tão caladas após
Peço-me perdão, amor
Pelo tempo sem ouvir sua voz

Sua voz dolorida nos ventos
Declarava um amor visceral
Eu vagando em campos de Gibran
Rasgava-me no meu Temporal

Nossa lista jamais foi cumprida
Não cumprimos também o destino
Só a chuva chorou nosso beijo
E fez chover o olhar do menino

As crianças nos esperam na esquina
Onde tempo e espaço se enlaçam
E aquela pena, o azul preserva
Confirmando o amor que não passa

Peço mil perdões, amor
Pelas lutas não travadas por nós
Peço-lhe perdão, amor
Por palavras tão caladas após
Peço-me perdão, amor
Pelo tempo sem ouvir sua voz

Peço-lhe perdão, amor

NO MUNDO DE PERFÍDIA

Perdoe-me, amor,
a falta de jeito com as palavras,
as palavras que se ausentam
e essa música que canta
a tórrida história das amputações.

É que nunca, antes, frequentei esse território:
não conheço a indumentária adequada,
como manipular os talheres,
que máscaras devem ser usadas
nem o momento de trocá-las.

Não sei onde sento –
nem se devo sentar-me,
ou se converso com os convidados:
minhas expressões são por demais
desnudas e podem assustá-los.

Temo também que as lágrimas de sangue
maculem seus alvos vestidos
e atraiam as atenções
para o pântano que, prudentemente,
se busca camuflar.

Perdoe-me, amor.
Uso blusão de couro,
tenho as mãos calejadas
(elas não servem para acarinhar
a pele de louça chinesa
que protege Perfídia).

E por falar nela,
aceitei o seu convite
e agora encontro-me aqui
deslocado e sem palavras
que possam esconder-me.

Perdoe-me, amor!

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **“Escrevivência” em becos da memória.** Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Maria Batista; TRINDADE, Azoilda Loretto. Africanidades, currículo e formação docente: desafios e possibilidades. *In:* LIMA, M. B.; MELO, M. R.; LOPES, E. T.: **Identidades e Alteridades:** Debates e práticas a partir do Cotidiano Escolar. São Cristóvão: Editora UFS, 2009, pp. 15-46.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Africanidades brasileiras:** esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. *Revista do professor*, Porto Alegre, v. 19, n. 73, jan./mar., pp. 26 - 30, 2003.